**A PAISAGEM COMO QUESTÃO POLÍTICA PARA
RUY DUARTE DE CARVALHO**

**THE LANDSCAPE AS A POLITICAL ISSUE FOR
RUY DUARTE DE CARVALHO**

Maria Benedita Basto¹

Renata De Oliveira Klipel²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.150321

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura do caráter político percebido na paisagem do autor angolano Ruy Duarte de Carvalho, no livro *As paisagens propícias* (2005), que é uma produção literária dedicada à preservação da memória dos Kuvale, que são povos nômades, rurais e analfabetos, de modo a manter vivas as suas tradições e seu modo de vida. O autor sugere reflexões sobre as consequências do colonialismo na sociedade angolana que aderiu aos valores da civilização ocidental.

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the political nature that one perceives in the Angolan author Ruy Duarte de Carvalho's landscape, in the book *As paisagens propícias* (2005). Dedicating his literary production to the preservation of the memory of the Kuvale peoples, who are nomadic, rural

---

¹ Graduada pela Université de Paris-Sorbonne, Paris IV, (atual Sorbonne Université) em Langues, Littératures et Civilisations étrangères et régionales, no percurso "Portugais" (2016). Graduada em Licenciatura em Letras Português/Francês, pela UFRGS (2017). E-mail: renataklipel@gmail.com.

² Maître de conférences em Estudos Lusófonos, UFR études ibériques et latino-américaines. Professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Sorbonne Université, CRIMIC/IMAF. E-mail: mbbasto@yahoo.com.

and illiterate, and aiming to keep alive their traditions and way of life, Ruy Duarte ends up proposing reflections on the consequences of colonialism in Angolan society that adhered to the values of Western civilization.

PALAVRAS-CHAVE: Romance angolano; Ruy Duarte de Carvalho; Paisagem; Experiência; Memória.

KEYWORDS: Angolan novel; Ruy Duarte de Carvalho; Landscape; Experience; Memory.

Artista plástico, cineasta, antropólogo, professor, poeta e ficcionista, Ruy Duarte de Carvalho tem grande produção artística e científica. Apesar de não ser um autor muito conhecido, é, certamente, um dos mais interessantes escritores de língua portuguesa. Ruy Duarte nasceu em Portugal, em 1941, mas viveu boa parte de sua vida em Angola e adquiriu a nacionalidade angolana em 1975. Escreveu livros de poesia, reunidos em *Lavra* (2005), e ficções, como *Vou lá visitar Pastores* (1999), *Os papéis do inglês* (2000), *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009). Foi, também, um importante cineasta, tendo dirigido documentários como *Angola 76*, *É a vez da voz do povo* (1976), *Presente Angolano*, *Tempo Mumuíla* (1979), e dois longas-metragens: *Nelisita* (1982) e *Moia: o recado das ilhas* (1989). Obteve o título de Doutor em Antropologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris, e situou suas pesquisas no sul de Angola sobre o povo Kuvale, com o qual estabeleceu uma ligação tão intensa que, ao falecer em 2010, a seu pedido, teve suas cinzas depositadas no deserto.

Ruy Duarte une escrita à sua formação antropológica, e, com isso, cria obras que retratam uma cartografia não só geográfica, mas cultural e identitária, percebida por meio dos hábitos e dos corpos das pessoas. Para fazê-lo, estabelece uma linha tênue entre etnografia e literatura, e possibilita uma (re)

visão da história da África, descolada da história europeia, além de criar uma forma de narrativa própria. Suas ficções misturam-se com a realidade e nelas há diversas referências a outros escritores e pesquisadores; e seu romance confunde-se com um diário de viagem, no qual há uma subversão das instâncias narratológicas, que gera uma escrita *sui generis*.

As paisagens propícias faz parte da trilogia *Os Filhos de Próspero*, composta também por *Os papéis do inglês* e *A terceira metade*. O segundo livro da série, *As paisagens propícias*, dá continuidade à procura do narrador pela história de certos papéis, que foram encontrados no primeiro romance. O narrador, interessado por parte desses escritos, que pertenceram a “um branco que se perdera pela Namíbia” (CARVALHO, 2007, p. 167), busca informações sobre a vida desse personagem, que será o principal tema do livro. Contudo, o desenrolar da história não é contínuo e retilíneo, mas funciona como um espiral, igual e sempre diferente, que parece voltar aos mesmos questionamentos e situações, porém, ao completar o círculo, faz um desvio numa constante renovação, que é uma característica da sua escrita. A história é permeada por digressões, por apontamentos, por constatações e mais da metade do livro é constituída por e-mails enviados ao narrador, por Severo, “o branco da Namíbia”, igualmente identificado como SRO, sendo ele o personagem principal da narrativa que assume, também, a posição de narrador na terceira parte do romance.

Um dos elementos que corroboram o caráter espiralar da sua escrita é a descrição da paisagem, componente essencial na obra. Há constatações sobre ela durante a travessia do deserto do Namibe, que identificam uma constância que não condiz com a mudança de território de Angola para a Namíbia. Percebe-se que a narrativa discute o conceito de território de uma forma bastante singular: os e-mails enviados por SRO e os comentários sobre as viagens feitas pelo narrador e por outros personagens dão um efeito de “hiperlocalidade”³,

---

³ “Hyperlocalité”.

como sugere Maria-Benedita Basto, que o enredo remete “incessantemente, a outros lugares”⁴ (BASTO, 2011, p. 462, tradução nossa). É a partir dessa ideia de retransmissão constante que este artigo desenvolver-se-á.

Mobilidade da memória

A obra de Ruy Duarte estabelece diversas formas de intertextualidade e uma delas é entre livros de relatos de viagem, como *The adventures of Andrew Battel of Leigh, in Angola and the adjoining regions*, que expõe uma paisagem também observada e descrita, anos depois, por Severo, do sudoeste de Angola. Tais textos formam contrapontos um do outro pelas suas perspectivas: uma europeia, do final do século XVI, e outra mestiça, do século XX. Essa mobilidade não só espacial, mas também temporal, está ligada à itinerância das pessoas que os escreveram e que os leram. A proposta de uma procura por papéis, tanto em *Os papéis do inglês* como em *As paisagens propícias*, passa a ideia de itinerância do próprio texto escrito; afinal, esses papéis circulam por diversas mãos, sendo elas de ingleses, de angolanos, de portugueses, em diferentes localizações, o que permite acesso ao seu conteúdo, independentemente da vontade do autor. Maria-Benedita Basto percebe aqui uma relação com o que Jacques Rancière discute em *La parole muette* sobre a mobilidade democrática inerente ao papel:

A escrita não implica um circuito obrigatório, pré-definido, entre um emissor e um receptor: [...] o destinatário, não somente não pode ser identificado previamente, mas ele não coincidirá necessariamente com a posição legitimada pela sociedade. Uma vez escrita, a palavra circula independentemente da vontade de seu autor, torna-se órfã, dirigindo-se de maneira igualitária a todos,

---

⁴ “qui renvoie sans cesse à d’autres lieux”.

*sem distinção de gênero, raça, classe, tempo ou espaço.*⁵ (BASTO, 2011, p. 461, tradução nossa)

Considera-se relevante trazer essa constatação a partir do conceito de Rancière, para evidenciar como a intenção de Ruy Duarte por uma escrita para “seja quem for o [livro] venha a abrir” (CARVALHO, 2005b, p. 11) se faz presente no seu texto. Sua defesa por uma maior democracia da literatura está, por exemplo, ao colocar como detentores desses papéis procurados pelo narrador, Luhuna, soba⁶ de uma aldeia de pastores, em *Os papéis do inglês*, e Severo, um mestiço que vive aventuras em Angola, em *As paisagens propícias*. O autor propõe um desvio na trajetória de textos variados e de origens diversas, pois no espólio de Luhuna, encontrado pelo narrador, havia:

[...] duas folhas da carta aérea 1 para 25000, certidões, desviadas por certo dos arquivos da administração ou recuperadas depois de o fervor revolucionário dos primeiros tempos da independência [...] de concessões de terrenos na região [...] e papéis meio queimados que, pela matéria versada, teriam escapado a algum posto de incineração dos cubanos que por aqui tinham andado. [...] um molho de pautas de música atadas com um fio, a ruína de um volume de poesia isabelina, um exemplar, também em muito mau estado, do Ravenstein com o testemunho de Andrew Battel [...] um exemplar do tal livro do Fenikov, com as partes em que falava do finado Kaluter assinaladas pelo meu pai, um caderno de assentos só com números e, finalmente, um outro atado de papéis com os verdadeiros papéis do Inglês. (CARVALHO, 2007, p. 166)

---

5 “L’écriture n’accomplis pas un circuit obligatoire, prédéfini, entre un émetteur et un récepteur : [...] le destinataire, non seulement ne peut pas être identifié d’avance, mais il ne coïncidera pas nécessairement avec la place légitimée par la société. Une fois écrite, la parole circule indépendamment de la volonté de son auteur, devient « orpheline », s’adressant d’une façon « égalitaire » à tous, sans distinction de genre, de race, de classe, de temps ou d’espace.”

6 Título dos chefes das aldeias, em Angola.

Há uma mistura de documentos oficiais, poesia, música e escritos pessoais, que orchestra a essa itinerância dos papéis um novo arranjo possível. Essa aproximação não-hierárquica entre textos de diferentes gêneros, com produções provindas tanto do ocidente como da África, ocorre igualmente em outras passagens do livro: “Os matizes e o imprevisto das cores quando ao fim da tarde resultam da luz horizontal do sol poente [...] terão levado SRO a admitir e a ponderar experiências e obstinações como as de Monet” (CARVALHO, 2005b, p. 182-183); assim como neste outro trecho: “A perenidade e a universalidade de Shakespeare, da tragédia grega e até da própria bíblia, pastoril também, faz-se é de que afinal, não é mesmo das emoções que vive e como as vive toda a gente conforme o lugar onde está?” (CARVALHO, 2005b, p. 180). São relações que põem em perspectiva semelhanças e exigem a concepção de uma igualdade de inteligências.

A itinerância está, também, nas vidas do autor, do narrador e dos personagens que aparecem no livro, e essa mobilidade mostra a importância do espaço como forma de ressignificação identitária do indivíduo com a terra. Colocar o espaço e a terra como agentes fundamentais na narrativa é uma característica essencial na literatura angolana e é também de extrema importância para a análise da obra de Duarte:

[...] se circunscrevemos o olhar ao plano da literatura, a prevalência do espaço, por si, não causa surpresa, pois é inegável o lugar de relevo de tal elemento estrutural em sistemas intelectuais configurados sob o calor do debate em torno da questão nacional, como se deu com a literatura angolana. Diante de autores como António Cardoso, Arnaldo Santos, José Luandino Vieira, Manuel Rui e Pepetela, nomes significativos no contexto literário do qual não podemos afastar o nome de Ruy Duarte de Carvalho, percebemos o movimento de apropriação da terra invadida que torna visível aquela fome de espaço. (CAN; CHAVES, 2016)

Fica clara, principalmente em *As paisagens propícias*, essa vontade de interação e de reinvenção desse espaço que, por ser mutável, é inapreensível. O autor trata das paisagens e do universo pastoril não só como modo de resposta ao modelo de estado-nação ocidentalizado, mas também com o intuito de mostrar e de valorizar as sociedades de uma parte da Angola que não se viram afetadas pela posse de poder, legada pelos europeus, apesar de certamente terem sofrido com as consequências dessa influência no resto do país. A constância da viagem na obra do autor implica a desconstrução de preconceitos etnocêntricos, por meio de uma narrativa que contemple a complexidade cultural das sociedades de pastores.

Maria-Benedita Basto vê, no desejo do escritor de mostrar a heterogeneidade abarcada num só país, como uma “*politique du paysage*”, ou seja, é por meio da paisagem que se evidencia a diferença entre o que Angola visa ser, modernizada e ocidental, e a Angola tradicional, que resiste sendo ancestral; sendo assim, o leitor vislumbra uma paisagem sem fronteiras, móvel, ainda que “territorializada”. Em convergência a essa exposição da diversidade, é apresentada “a memória como um processo de negociação interindividual e inter-coletivo”⁷ (BASTO, 2011, p. 460, tradução nossa):

Tem trechos da memória, isso não há quem não saiba, que emergem por vezes de configurações muito precisas, de detalhes de paisagem, um reduzido mundo que visitado agora não vai por certo corresponder à imagem que a lembrança devolve, vale é a imagem, não há mais nem paisagem nem palavra que a traduza [...] é um terreno por demais secreto, e denso. (CARVALHO, 2005b, p. 58)

Percebe-se a paisagem, aqui, como lembrança afetiva, que como em

---

⁵ “la mémoire comme un processus de négociation interindividuel et inter-collectif”.

Proust, ativa uma sensibilidade, que transporta o sujeito àquele momento que já não volta mais. Afinal, a relação do ser humano com o local em que vive é uma experiência transcendental, pois implica uma identificação profunda, um autorreconhecimento nesse ambiente, o que permite, por exemplo, uma ponte com a situação urbana de muitas cidades ocidentais: a pichação e o grafite são formas que as pessoas encontram de identificarem-se e de sentirem-se parte do meio em que vivem, o que evidencia a importância dessa relação imprescindível entre indivíduo e espaço.

Ao abrir a possibilidade de expressão de diversas vozes na sua obra como um todo, não apenas em *As paisagens propícias*, Duarte permite que seja elaborada uma espécie de memória coletiva desses povos pastoris: é por meio dela que o escritor faz da sua literatura uma escrita que se inspire e que retrate as relações e as histórias de vida por ele observadas; é a partir do passado que Ruy Duarte sugere que se pense o presente, ao propor, como sempre, reflexões que ajudem o leitor a situar-se.

Fronteiras movediças

Na obra de Ruy Duarte, a resistência dos povos pastoris, dada pela sua concepção de mundo, é apresentada por intermédio da paisagem, pela qual se percebe como as fronteiras estabelecidas pelos países europeus na Conferência de Berlim não têm significado para aqueles povos do sul de Angola:

Os colonizadores procuram dismantelar “cientificamente” a terra africana, retirando-lhe o seu carácter sagrado, laicizando-a, para construir um território colonial “branquizado” arrastando consigo a criação de uma identidade angolana integradora do colono branco, destinada a eliminar a vitalidade das culturas africanas, graças ao esvaziamento das formas civilizacionais africanas. (HENRIQUE, 2004, p. 11)

No entanto, o que vemos na obra de Ruy Duarte é uma cultura africana viva, que resiste à ocidentalização do país: “Desde a independência que nem Estado nem comércio, não chegavam lá” (CARVALHO, 2005b, p. 164). Em oposição às fronteiras oficiais, SRO percebe nos espaços entre a Angola e a Namíbia diferentes grupos étnicos que estabelecem:

Fronteira, entendida assim, é isso, são áreas intersticiais entre sociedades organizadas, abertas à intrusão e à instalação, onde podem acolher-se os que vêm de longe [...] Passa aí então a ter lugar um processo novo de elaboração social que, caso vingue, dará origem a uma nova sociedade. [...] uma daquelas configurações que se encontram ainda por certas partes do mundo e da África e em que os processos de mestiçagem, cultural e genética, não são apenas acionados pela ocidentalização generalizada. (CARVALHO, 2005b, p. 163)

O antropólogo no narrador e, possivelmente, em Ruy Duarte, extasia-se com a permanência desse modo de viver transumante e observa nisso uma esperança, como um modo de vida possível em meio à modernização tecnológica do século XXI e seu sistema majoritariamente imperialista, ainda vigente. Há mesmo a sugestão no livro:

[...] de uma nação clânica [...] cada um com a sua gente mas com gente sua entre toda a gente..... é isso que em meu entender pode servir a uma ideia de nação..... qualquer coisa dentro daquilo que há-de vir um dia a remediar em África a falácia e a irreduzível inevitabilidade etnocida da configuração geopolítica legada pelo tratado de Berlim. (CARVALHO, 2005b, p. 302)

A terra é, portanto, um meio de integração e de relação entre os indivíduos. Devemos ter em vista que o autor, pessoalmente, reconhece-se e sente-se parte daquela paisagem de Moçâmedes, que foi decisiva para a sua escolha

por uma nacionalidade angolana. O escritor menciona essa identificação na sua autobiografia: “De que havia uma matriz geográfica e de enquadramento existencial que essa é que era a minha, dei conta aí pelos 12 anos a comer pão e com um ataque de soluços no meio do deserto de Moçâmedes, por alturas do Pico do Azevedo” (CARVALHO, 2005a, s/n). Contudo, Ruy Duarte não se vê identificado somente com a paisagem, como também com aqueles que dela compartilham. Logo, como explicita Ana Lúcia Tettamanzy, o reconhecer-se na paisagem contribui para um processo de individuação e de subjetivação, não só do autor, como do seu narrador, a partir da relação com o outro:

Já expliquei anteriormente a duplicidade do narrador que usufrui do contato com o outro para construir sua identidade. Aqui se coloca mais um termo dessa equação, a consubstanciação da paisagem num tipo particular de escrita, que remete ao coletivo por conta da experiência de ter estado junto, na situação interativa. (TETTAMANZY, 2012, p. 18)

O escritor, ao criar um vínculo com essa paisagem de Moçâmedes e com os pastores, não só se pensa angolano, mas sente-se autorizado a falar sobre eles e por meio deles, o que, de certa forma, permite expressar-se, concomitantemente. Seus relatos, literários ou não, são legitimados por essa condição de pertencimento, que lhe é concedida, ao considerar o tempo de convivência com os grupos do sul de Angola:

A intensidade discursiva emana da interação ou integração em que homem, espaço, paisagem e natureza se fundem num processo de construção coletiva. Para Ruy Duarte, estes elementos constituem a vida da sociedade Kuvale, não há individualidade, mas interesses comuns e partilhados. (VALLE, 2015, p. 27)

Duarte faz parte dessa construção coletiva, não só pela troca de expe-

riências com os pastores, mas também por achar formas de valorizar esses povos deixados à margem da História. Insere-os na memória nacional, que se constitui aos poucos e na qual predomina uma memória hierarquizada das elites pós-independência, marcada pela lógica civilizatória do colonizador. Desse modo, sua escrita possibilita aos Kuvale uma identidade angolana e refuta a folclorização dos seus saberes e do seu modo de vida nômade.

É constante o questionamento colocado em *As paisagens propícias* sobre a necessidade ocidental de domesticação da terra, por ser esse um dos principais meios de dominação do espaço. A inventariação do território e a sua nomeação são extremamente importantes não só por dar visibilidade à sua ocupação, mas também para fazê-lo mais seu. Como expõe Isabel Henrique, “A pretendida cientificidade que preside à elaboração do mapa garantiria a legitimidade da apropriação dos territórios africanos pelas potências europeias” (2004, p. 27). Como forma de saciar essa “fome de espaço” apontada anteriormente por Can e Chaves, vemos a mesma intenção de apropriação pelo lado contrário, pois, no livro de Ruy Duarte, o leitor depara-se muitas vezes com palavras angolanas para denominar a fauna e a flora no meio do texto — como a palavra “guelengue”, que designa um antílope africano, conhecido na etimologia latina por “órix” — e no qual essa lógica de dominação é evidenciada.

Duarte assinala que, apesar da dominação e da prática de delimitação de territórios, “O colono domestica um espaço de que faz o seu ‘território’, e abstrai-se do espaço que o envolve e em que é um intruso” (CARVALHO, 2005b, p. 130). Contudo, é possível interpretar nesse distanciamento emotivo do ocidental com aquela paisagem, uma vantagem, pela dificuldade do europeu em apreciá-la sem ter de transformá-la em exótica. Enquanto os pastores conseguem desenvolver uma relação aprofundada com o espaço, “Os brancos só podem gozar de tal paisagem se tiverem o africano, com a sua cultura, a garantir tal fronteira” (CARVALHO, 2015b, p. 124).

Percebe-se que a paisagem é uma das principais formas que o autor encontra para tratar do passado e do presente colonial. É por meio dela que as relações de dominação ficam claras, como vemos no trecho a seguir, em que é ressaltado o olhar exótico e dominador do colonizador:

A fotografia de Hahn e certa paisagem pintada — e o que houver de equivalente na escrita —, remetem, sim, primeiro para uma condição de distanciamento e de irremediável solidão do observador e do operador perante tais deslumbramentos naturais e depois, ou em simultâneo, para os imperativos de um testemunho que sublinhe os benefícios das incidências do progresso [...] E sabe-se que essa é uma via destinada a acentuar sempre o exótico, e a justificar a dominação. (CARVALHO, 2005b, p. 127)

Ainda assim, ou exatamente por esse motivo, a paisagem exerce um papel sentimental muito forte na obra de Ruy Duarte, pois é nela que se resalta também a impenetrabilidade da lógica do colonizador, apesar do seu intento dominador pela cartografia. A viagem e a contemplação da paisagem acabam por gerar uma autorreflexão no autor e, possivelmente, também no leitor, questionando por diversas formas os saberes que se fazem dominantes.

Por meio das camadas de textos que o escritor estabelece na sua escrita, ao compô-la pela hibridez de gêneros e de discursos e, por fim, de vozes, faz-se conhecer uma Angola que não se resume a Luanda, que não se prende ao meio urbanizado, comumente prestigiado. Provoca o questionamento do que é, nos nossos hábitos diários, a imposição cultural da mentalidade ocidental e o que ainda resta de cultura local. Reflexão essa extremamente pertinente na atualidade, por instigar um olhar “desglobalizado”, e propor uma consciência maior do que é resultado de uma imposição cultural. Percebemos que sua escrita gera, afinal, a ponderação de valores e de paradigmas, e que sua obra artística, como um todo, explora as particularidades das sociedades

pastoris do sul de Angola, o que possibilita, por fim, reflexões epistemológicas e, portanto, de alcance universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTO, Maria-Benedita. Danse de l'histoire, écritures mobiles: enjeux contemporains dans les littératures de l'Angola et du Mozambique. L'Afrique aujourd'hui: lettres et cultures. Paris: *Revue de littérature comparée*, vol. 340, n. 4, 2011, p. 454-474. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2011-4-page-454.htm>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

CARVALHO, Ruy Duarte. *As paisagens propícias*. Lisboa: Cotovia, 2005b.

_____. *Uma espécie de habilidade autobiográfica*. Lisboa: Jornal de Letras, 2005a. Republicado em Buala (site): *Cultura Africana Contemporânea*. Coord. Marta Lança, 2010. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/uma-especie-de-habilidade-autobiografica>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

_____. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAVES, R.; CAN, N. De passagens e paisagens: geografia e alteridades em Ruy Duarte de Carvalho. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, vol. 8, n. 16, 1º sem., jul. 2016. Disponível em: <<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/348/275>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CROSARIOL, Isabelita. *O legado de Próspero*: uma investigação do projeto narrativo de Ruy Duarte de Carvalho. 2013. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0912711_2013_Indice.html>. Acesso em: 06 jun. 2018.

HENRIQUE, Isabel Castro. A materialidade do simbólico: marcadores territoriais, marcadores identitários angolanos (1880-1950). *Textos de História*, vol. 12, n. 1/2, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/>>

article/viewFile/6023/4982>. Acesso em: 10 jun. 2018.

LEITE, Ana Mafalda. Radicação, reescrita e recomposição: a poesia de Ruy Duarte de Carvalho”. In: _____. *Oralidades e escritas pós-coloniais*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2012.

PADILHA, Laura. *Entre voz e escrita: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Ficções de si: auto-etnografia em Ruy Duarte de Carvalho. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 1, n. 7, p. 4-19, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://setorlitafrica.letras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_7_1.php>. Acesso em: 11 jun. 2018.

VALLE, Laura Regina Santos Dela. *O espaço vivido: literatura e antropologia em Ruy Duarte de Carvalho*. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116625/000965400.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

Submissão: 15/09/2018

Aceite: 26/12/2018